



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA

NATÁLIA OTERO MARTINEZ

EXPONDO OS PROCESSOS INTERNOS DOS SETORES
TÉCNICOS DO MUSEU AFRO-BRASILEIRO/UFBA:
UTILIZANDO O AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA EXPOSITIVA E
EDUCACIONAL

Salvador
2022

NATÁLIA OTERO MARTINEZ

**EXPONDO OS PROCESSOS INTERNOS DOS SETORES
TÉCNICOS DO MUSEU AFRO-BRASILEIRO/UFBA:
UTILIZANDO O AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA EXPOSITIVA E
EDUCACIONAL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Museologia, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Museologia.

Orientador: Prof. Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha

Salvador
2022

NATÁLIA OTERO MARTINEZ

**EXPONDO OS PROCESSOS INTERNOS DOS SETORES TÉCNICOS DO MUSEU
AFRO-BRASILEIRO/UFBA: UTILIZANDO O AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA
EXPOSITIVA E EDUCACIONAL**

Projeto apresentado ao Departamento de Museologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Aprovada em 07 de Julho de 2022

Banca Examinadora

Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha - Orientador _____

Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Universidade Federal da Bahia

Joseania Miranda Freitas _____

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

Ilma Vilasbôas _____

Mestra em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia

Dora Maria dos Santos Galas _____

Mestra em Museologia pela Universidade Federal da Bahia

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Rosa Mercês e Manuel Otero, pelo apoio de sempre, pelo amor incondicional, ao incentivo para ingressar em uma faculdade que me fizesse feliz, por sempre buscarem me dar autonomia e liberdade. Obrigada, por tudo e por tanto!

A toda minha família, em especial minhas tias e tio, Zana Mercês, Ruty Mercês, Manoela Mercês e Rogério Mercês, por sempre estarem dispostos a me ajudar e apoiar nas minhas escolhas e representarem pra mim, uma rede de apoio infinita. A minha madrinha, Ró Mercês, por ser uma segunda mãe, a mulher que me mostrou e abriu caminhos e por me dar tanto amor. Aos meus primos, Gustavo Assis, Heitor Fernando, Gabriel Fernando e Frida Flor, por serem uma base de afeto e companheirismo desde sempre. E principalmente, a minha prima, Camila Camila, por ser uma inspiração para mim, além de ser minha maior incentivadora e apoiadora nas escolhas que já tomei. Sem minha prima, nada seria como é.

A meu irmão, Victor Otero, que é meu ponto de segurança, não importa o que aconteça, ele vai estar lá por mim e eu vou estar lá por ele. A minha cunhada e amiga, Fábria Moreno, que me apoia tanto e está sempre à disposição do que eu precisar e não mede esforços para me ajudar, foi responsável por várias conquistas minhas, por estar sempre ao meu lado, como uma irmã para mim. Afeto e amor não faltam na nossa relação, obrigada por tanto carinho e atenção, serei eternamente grata por tudo!

A minha melhor amiga, Natália Borges, por ser a melhor pessoa que eu poderia compartilhar minha vida, por ser minha fortaleza e estar sempre disposta a me apoiar, por ser um local de afeto, confiança e companheirismo nesses anos e por tudo isso, tenho a certeza que seguiremos para sempre juntas, mesmo que a 6.771 km de distância uma da outra.

Agradeço a equipe do MAFRO que esteve comigo por quase 4 anos e sempre foram muito gentis e solícitos e me fizeram vivenciar a museologia de uma forma prática e real. Em especial, a minha antiga chefe, profa. Graça Teixeira, por ter sido tão compreensiva e afetuosa no meu caminho e minha outra chefinha, Zinalva Ferreira, por ter sido a pessoa que me fez me apaixonar por conservação e documentação de acervos e ter sido uma grande companheira na minha rotina no museu, mesmo que com algumas puxadas de orelha, que só me ajudaram a crescer mais!

Agradeço ao meu orientador, prof. Marcelo Cunha, que mesmo coordenando um museu, sendo professor e tantas outras coisas, pôde me auxiliar, ser atencioso e solícito com meu

trabalho, agradeço por ter topado estar comigo na construção deste projeto, sempre acreditando no meu sucesso.

Agradeço também aos professores e técnicos do curso de museologia da UFBA, por serem sempre tão atenciosos com minhas demandas. Em especial, a profa. Joseania Freitas por ter sido minha professora nas disciplinas TCC I e TCC II e ter me auxiliado desde o início na construção desse projeto.

*“Musa eu, sou seu museu aberto pra visitaçã
Museu da luz, museu da pessoa
Museu da espera, e do encantamento
Do calçamento ainda não pisado
E da calçada explodindo em flor”*

(Chico César)

MARTINEZ, Natália Otero. EXPONDO OS PROCESSOS INTERNOS DOS SETORES TÉCNICOS DO MUSEU AFRO-BRASILEIRO/UFBA: Utilizando o audiovisual como ferramenta expositiva e educacional. 2022. 41 f. TCC (Graduação) - Curso de Museologia - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo central desenvolver um projeto que oportunize ao público visitante do Museu Afro-Brasileiro/UFBA, através dos recursos do audiovisual, uma visita aos setores internos do museu, tornando assim esse público conhecedor do que é necessário para uma instituição museológica existir. O roteiro do vídeo será um passeio pelos processos internos do museu, com narração sobre conservação preventiva, documentação museológica e ação cultural e educativa. O projeto contará com janela em LIBRAS, tornando o projeto acessível para visitantes surdos e surdas.

Palavras-chave: Conservação Preventiva; Documentação Museológica; Ação Cultural e Educativa; Acessibilidade em Museus; Audiovisual; Museu Afro-Brasileiro/UFBA.

MARTINEZ, Natalia Otero. EXPOSING THE INTERNAL PROCESSES OF THE TECHNICAL SECTORS OF THE AFRO-BRAZILIAN MUSEUM/UFBA: Using audiovisual as an expository and educational tool. 2022. 41 f. TCC (Graduate) - Museology Course - Faculty of Philosophy and Human Sciences, Federal University of Bahia, Salvador, 2022.

ABSTRACT

The main objective of this work is to develop a project that gives the visiting public of the Afro-Brazilian Museum/UFBA, through audiovisual resources, a visit to the internal sectors of the museum, thus making this public aware of what is necessary for a museological institution to exist. The video's script will be a tour of the museum's internal processes, with narration about preventive conservation, museological documentation and cultural and educational action. The project will feature a LIBRAS window, making the project accessible to deaf visitors.

Keywords: Preventive Conservation; Museum Documentation; Cultural and Educational Action; Accessibility in Museums; Audio-visual; Afro-Brazilian Museum/UFBA

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS.....	8
2.1 O AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL/MUSEOLÓGICA.....	8
2.2 ACESSIBILIDADE EM MUSEUS.....	11
3. SETORES INTERNOS DO MUSEU AFRO-BRASILEIRO/UFBA.....	14
3.1 CONSERVAÇÃO.....	14
3.2 DOCUMENTAÇÃO.....	15
3.3 EDUCATIVO.....	17
4. UM PROJETO AUDIOVISUAL PARA O MAFRO/UFBA.....	18
4.1 DESCRIÇÃO DAS IMAGENS.....	18
4.2 ROTEIRO.....	23
4.3 GLOSSÁRIO DE TERMOS.....	25
4.4 NARRAÇÃO EM PORTUGUÊS.....	26
4.5 NARRAÇÃO EM INGLÊS (LEGENDAS).....	28
5. RELATÓRIO.....	31
5.1 SELEÇÃO E CURADORIA DAS FOTOGRAFIAS.....	31
5.2 NARRANDO O VÍDEO.....	31
5.3 EDITANDO O VÍDEO.....	31
5.4 TORNANDO O VÍDEO ACESSÍVEL.....	32
5.5 EXPONDO O VÍDEO.....	32
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa tem como objetivo central apresentar, através de vídeo, o funcionamento de um museu através de seus setores internos. E divulgar, através de um aparelho digital na sala de exposição do museu, para que o público visitante possa compreender, mesmo que superficialmente, como funciona um museu em suas bases e como ele se sustenta fora das salas de exposição. Com o intuito de proporcionar esse mergulho do público visitante na dinâmica de funcionamento de um museu, descortinando seus processos e suas lógicas, isso aproximará mais ainda as pessoas que vivenciarem essa experiência, além de uma identificação e um respeito pelo museu enquanto espaço de produção de saberes.

A sequência de fotos escolhidas para o roteiro do vídeo, assim como o texto narrado ao fundo, tem a função de captar a parte funcional do Museu Afro-Brasileiro da UFBA (MAFRO/UFBA), este foi escolhido por ter sido o lugar onde, eu, a pessoa por trás deste projeto, estive como estagiária, a maior parte da graduação. O MAFRO, como os demais museus, é um espaço que depende de diferentes setores internos para que funcione plenamente.

A princípio este projeto havia sido pensado tendo como objeto central de estudo, a Escultura de Exu da coleção afro-brasileira, usando-o como exemplo de um processo de higienização preventiva através da ferramenta *Time Lapse*, que consiste em um processo cinematográfico em que a frequência de cada fotograma ou quadro por segundo de filme é muito menor do que aquela em que o filme será reproduzido, quando visto a uma velocidade normal, o tempo parece correr mais depressa e assim parece saltar. O projeto, então, sofreu uma mudança, e optamos por ampliar a dinâmica no vídeo, mudando a forma de apresentação, agora para um vídeo com montagem de fotos em sequências lógicas, com narração e efeitos, além de optar por não mostrar apenas um processo e sim apresentar mais de perto todos os setores técnicos do museu.

Para começar, é preciso entender o que é MAFRO. O Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia, segundo a apresentação que consta em seu site (www.mafro.ceao.ufba.br), foi criado em 1974 e inaugurado em 1982, no local onde funcionou o Real Colégio dos Jesuítas e que depois se transformou na Escola de Medicina do Brasil.

Sua criação, no âmbito do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, correspondeu aos anseios da existência de um espaço de coleta, preservação e divulgação de acervos referentes às culturas africanas e afro-

brasileiras, com o objetivo de estreitar relações com a África e compreender a importância deste continente na formação da cultura brasileira, incentivando, por outro lado, contatos com a comunidade local. (Site do MAFRO).

Atualmente, o MAFRO funciona como Núcleo de Pesquisa da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA atuando como um museu laboratório, e por ser tipologicamente um museu universitário, este propõe atividades de Pesquisa, Ensino e Extensão. Dessa forma, o MAFRO tem viabilizado para o público, um acervo devidamente conservado e documentado, através de exposições e ações culturais e educativas.

[...] os gestores e colaboradores do Museu se comprometeram e empenharam em fazer desse projeto um exemplo de valorização das culturas africanas e afro-brasileira. Proporcionaram, por meio da educação, a divulgação e aprendizagem das simbologias culturais negras impressas nos objetos expostos, apresentados através de projetos de ação educativa oferecidos ao público visitante. (JESUS, 2016, p. 77).

Segundo Soares (2021), quando em 1997, foi criado o cargo de Coordenador do MAFRO, quem assume é o prof. Marcelo Cunha, que fez a gestão de 1997-2001, 2006-2011 e 2018-atualidade, que tem interesses acadêmico-científicos e intelectuais relacionados com o patrimônio afro-diaspórico e com processos de musealização. A prof^a. Graça Teixeira assumiu a coordenação de 2011 a 2018. Ambos são docentes do Departamento de Museologia, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/UFBA.

O museu, que já teve diferentes exposições de curta e longa duração, hoje conta com quatro salas expositivas, sendo apresentada na primeira sala, uma exposição de longa duração, chamada “Artes do Crer”, que tem um acervo de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira. Na segunda sala, outra exposição de longa duração: “Máfricas: As Áfricas do MAFRO” que tem quatro núcleos temáticos: Coleção de Cópias do Museu Real de Tervuren, Linguagens, Mulheres e Afrofuturismo. Na terceira sala, geralmente são apresentadas exposições de curta duração. Atualmente, não tem nenhuma exposição devido ao período pandêmico (Pandemia do vírus Covid-19, que começou em março de 2020, no Brasil, e até a entrega deste trabalho, ainda registra casos e mortes). E na última e quarta sala, também de longa duração, estão expostos os 27 painéis talhados em madeira representando os orixás do candomblé, de autoria do artista plástico Hector Julio Páride Bernabó, conhecido pelo nome artístico, Carybé.

Além dessas quatro salas, nessa área do museu há a recepção e a Reserva Técnica, local de extrema importância para este projeto. Fora deste local, e ainda dentro do prédio da Escola de Medicina da Bahia, em espaços anexos, ficam a sala administrativa e o almoxarifado.

A execução deste projeto busca, que o público visitante seja capaz de conhecer aspectos práticos da museologia e possa compreender a dinâmica que possibilita que as exposições aconteçam. O cerne deste trabalho é tornar esse conhecimento acessível e democrático, tendo como instrumento o uso do audiovisual.

Penso que, caso eu fizesse deste projeto, uma monografia, ele não teria o sentido educacional pensado *a priori*, já que geralmente, somente pessoas ligadas ao curso de museologia ou dos outros temas, buscariam por esse conteúdo. Por isso, então busquei colocá-lo em prática, mas não só em forma de texto, mas em um vídeo, que além de passar a informação de uma forma mais eficiente, também será acessível.

O produto final será um projeto centrado no audiovisual como ferramenta de divulgação e educação, visando difundir informações dos processos relacionados ao funcionamento dos setores técnicos de museus como: conservação, documentação e setor educativo, com a produção de um vídeo acessível registrando o funcionamento destes setores técnicos e sua apresentação em plataforma digital no ambiente expositivo do museu.

2 CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS

O objetivo desta seção é delimitar através das fontes de pesquisa, os conceitos presentes neste projeto, que serão: o audiovisual como ferramenta educacional na museologia e a acessibilidade em museus. Ambos terão significância para o desenvolvimento deste trabalho, em que o uso de ferramenta audiovisual, possibilitará a acessibilidade enquanto objetivo central e quando este estiver *in loco*, fará sua função principal que é estar exposto para o público frequentador.

2.1 O AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL NA MUSEOLOGIA

Para justificar a importância do uso das ferramentas multimídia no âmbito educacional, usei como referência teórica o livro “Uma escola sem/com futuro - Educação Multimídia” de Nelson de Luca Pretto. Acredito que para entender o uso das tecnologias comunicacionais nos museus, é preciso antes entender sua relação com as escolas e universidades. Com o livro do Nelson Pretto, originalmente escrito como sua tese de doutorado em 1994 e publicado e revisado novamente pela EDUFBA em 2013, é possível compreender como essas ferramentas do audiovisual impactaram ou não, no sistema educacional brasileiro.

Nelson Pretto, através da sua pesquisa, apresenta os motivos pelo qual é indispensável que haja uma relação entre a educação formal e as tecnologias de informação e comunicação, já que ele considera que já havia uma sociedade dos *mass media*, esse termo em inglês, com tradução livre, significa meios de comunicação de massa. O autor considera que a sociedade há muito tempo já era fadada aos meios de comunicação de massa, que podiam fornecer informações a uma grande quantidade de pessoas simultaneamente.

O desenvolvimento das novas tecnologias da comunicação e informação está se dando por um movimento de aproximação entre as diversas indústrias (equipamentos, eletrônica, informática, telefone, cabos, satélites, entretenimento e comunicação). Esse movimento é a condição objetiva para o aperfeiçoamento dessas tecnologias fazendo com que, potencialmente, aumentem as possibilidades de comunicação entre as pessoas. (PRETTO, 2013, p. 41).

Então, para o autor, as escolas e universidades não poderiam fugir deste destino, pois a sociedade já estaria integrada às novas tecnologias e formas de comunicação. Sua pesquisa também buscou explicar através de fatos históricos, como foi o desenvolvimento das tecnologias da comunicação no mundo.

Ao longo da história da humanidade, o homem foi desenvolvendo mecanismos para aumentar as suas possibilidades de locomoção e de comunicação. Esse desenvolvimento acentuou-se a partir do final do século passado e teve seu grande impulso no pós-Segunda Guerra Mundial. Vivemos, hoje, na sociedade dos mass media, na qual, potencialmente, ampliaram-se as possibilidades de comunicação. As mudanças que estão ocorrendo no nosso dia a dia estão relacionadas dialeticamente com esse desenvolvimento, e uma maior compreensão dessa história permitirá refletir criticamente sobre o papel das novas tecnologias nessa sociedade de comunicação e informação. (PRETTO, 2013, p. 77).

Mas nessa pesquisa, o que nos interessa é como surgiu e qual foi o impacto que o audiovisual teve e tem na sociedade, essa ferramenta, segundo Pretto, surge numa busca pelo movimento que intrigava o fotógrafo inglês, emigrado nos Estados Unidos, Muybridge (1830-1904) e do médico fisiologista francês Etienne Jules Marey (1830-1904).

Foram os irmãos Auguste e Louis Lumière que chocaram os parisienses no dia 28 de dezembro de 1895, com a primeira projeção cinematográfica conhecida. Em menos de seis meses, a invenção dos irmãos já havia chegado a Londres e Nova York. Com o passar dos anos, essa indústria foi de desenvolvendo e no final da década de 1920, surge o cinema sonoro, o que consolida a indústria cinematográfica, que se torna uma das maiores do ramo do entretenimento.

O mundo então começa a conhecer novas tecnologias com o passar dos anos, como o telégrafo, a televisão, o surgimento dos satélites, dos fios, da alta definição, o registro de sons e imagens, a informática, a numeração binária, o Vale do Silício e enfim, todos esses equipamentos eletrônicos comunicacionais que conhecemos.

O livro “Uma escola sem/com futuro - Educação Multimídia”, de Nelson Pretto, nos permite afirmar a necessidade de incluir na educação formal essas novas formas de comunicação, pois além delas tornarem o conhecimento mais amplo, mais democrático e mais dinâmico, elas são essenciais para compreender a sociedade atual, já que as novas ferramentas de comunicação estão mais que integradas a sociedade atuais e seria impossível desvencilhá-las.

Seguindo esse ponto de vista e refletindo os museus como espaços de educação, dialogando com Enrico Ferreira (2010), podemos entender ainda melhor essa relação entre a educação/museus e o audiovisual, pensando como o audiovisual contribui como excelente ferramenta educacional que utiliza a ludicidade como instrumento de ensino e aprendizagem.

Os recursos audiovisuais partem do concreto, do visível, do imediato, do próximo. Mexem com o corpo, com a pele – tocam-nos e ‘tocamos’ os outros, estão ao nosso

alcance através dos recortes visuais, do Zoom, do som envolvente. Nos recursos audiovisuais, sentimos, experimentamos, temos sensações sobre o outro, sobre o mundo, sobre nós mesmos. Os recursos audiovisuais exploram também o ver, o visualizar, o ter diante de nós as situações, as pessoas, os cenários, as cores, as relações espaciais (próximo – distante, alto – baixo, direita – esquerda, grande – pequeno, equilíbrio – desequilíbrio). Desenvolvem um ver com múltiplos recortes da realidade através dos planos, e muitos ritmos visuais: imagens estáticas e dinâmicas, câmara fixa ou em movimento, uma ou várias câmaras, personagens quietas ou em movimento, imagens ao vivo, gravadas ou criadas no computador. Um ver que está situado no presente, mas que o interliga não linearmente com o passado e com o futuro. O ver está, na maior parte das vezes, a reforçar o que foi dito, o que foi narrado, a história que foi contada. (FERREIRA, 2010. p. 23).

Então, a importância do audiovisual para os museus, acaba sendo a mesma que à da educação formal, já que o intuito de usar esse tipo de ferramenta é tornar o assunto a ser tratado, ainda mais compreensível e democrático. Neste projeto, o uso do vídeo e áudio pretende fazer com que o público que esteja assistindo, capte ainda mais o que se deseja mostrar, tanto por estar exposto, como por ser acessível e dinâmico.

Para entender como funciona o uso da tecnologia digital em um ambiente museal, utilizo do artigo “Audiovisual digital em Museus: A ‘Exposição’ do Museu do Amanhã” de Úrsula Vieira de Resende e Diana Farjalla Correia Lima, apresentado no XX ENANCIB, no GT-9 - Museu, Patrimônio e Informação, em Florianópolis, no ano de 2019. Esse trabalho aborda como a exposição permanente do Museu do Amanhã é constituída somente por recursos audiovisuais e como ela funciona.

[...] o AV [audiovisual] atua como meio para inserir o visitante no contexto exposto, apresentando a informação necessária para entender uma narrativa. Nesse caso, a museografia, ao utilizar na linguagem que é do seu domínio os recursos AVs [audiovisuais], favorece preencher esta lacuna oferecendo ferramentas para a compreensão do público geral. A imagem nos contextos de cinema, vídeo, animação, fotografia, ilustração e games têm a capacidade de sintetizar mensagens e emocionar o visitante. Estes elementos AVs [audiovisuais] colaboram para a transmissão de conteúdos de modo visualmente atrativo e são capazes de comunicar informação relevante em curto espaço de tempo. (RESENDE; LIMA, 2019, p. 5-6).

Segundo Resende e Lima (2019), os museus já vêm usando o recurso das imagens há algum tempo, mas o que agora muda é o suporte que utilizam, já que antes as imagens eram impressas e estáticas, agora, podem ter movimento, som, três dimensões, ser interativa, digital ou virtual. E é por isso que o audiovisual se torna um importante recurso para ampliar as possibilidades.

Diante do exposto, esse projeto busca interligar o uso da tecnologia digital com o ambiente expográfico, não necessariamente como um acervo no museu, mas como uma intervenção na exposição. O objetivo é a utilização ampla dessa ferramenta, fazendo com que

o público geral, que provavelmente desconhece os processos internos de um museu, passe a entender e se interessar por eles. Considerando que este recurso tecnológico, como descrito acima possui todas as qualidades necessárias, será possível atingir nosso objetivo central que é o da interação viva e dinâmica entre público e museu.

2.2 ACESSIBILIDADE EM MUSEUS

O museu deve ser um local de fácil acesso, apesar de nem sempre ser, ou porque por si só exclui camadas da sociedade com sua arquitetura imponente ou por afugentar a imensa maioria da população pelos preços exorbitantes dos seus ingressos, ou por não permitir que pessoas com quaisquer que sejam suas limitações consigam acessar seu interior. Então, aqui, busco através da revisão de literatura, explicar o por quê da necessidade de tornar o museu um lugar mais acessível.

Para nortear esse conceito, utilizei o livro “Acessibilidade em Museus”, volume 2, da série Cadernos Museológicos, publicada pelo Instituto Brasileiro de Museus, em 2012, escrito por Regina Cohen, Cristiane Duarte e Alice Brasileiro. As autoras afirmam que:

[...] ainda hoje poucas pessoas com deficiência frequentam os lugares de cultura, porque não sabem se ali poderão ser bem acolhidas. Apesar da maior conscientização em relação a essa demanda, alguns desses locais ainda não proporcionam o sentimento de pertencimento ou identidade e não asseguram a apropriação dos bens culturais por alguém que possua uma deficiência ou mobilidade reduzida. (COHEN; DUARTE; BRASILEIRO, 2012, p. 22).

Segundo as autoras, é preciso que os museus assumam o compromisso de democratizar a cultura, garantindo o direito das Pessoas com Deficiência (PcD), que no caso é uma percepção ambiental que envolve o Ter Acesso, o Percorrer, o Ver, o Ouvir, o Tocar e o Sentir os bens culturais produzidos pela sociedade.

É preciso que haja uma conceituação adequada do que é acessibilidade, pois a clareza desse conceito “[...] pode contribuir para o estabelecimento de novos paradigmas em relação ao acesso a museus, bem como para reflexão e abordagem de uma temática que tem estado tão presente em discussões em que se buscam respostas para os numerosos problemas de inclusão espacial hoje encontrados.” (COHEN; DUARTE; BRASILEIRO, 2012). A Associação Brasileira das Normas Técnicas (ABNT), define que acessibilidade: “É a possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para utilização com segurança

e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos.” (NBR 9050/2004, ABNT). Já o Decreto Federal, nº 5.296/2004, define acessibilidade, como:

Condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida. (Decreto Federal Brasileiro nº 5.296, 2004).

Neste projeto, iremos tratar de uma estratégia de acessibilidade: o uso de um interprete de Libras (Língua Brasileira de Sinais) para pessoas surdas.

Segundo Renata Rossi, no seu artigo de 2011, “A Libras como Disciplina no Ensino Superior”, a Libras é considerada a primeira língua que o surdo tem contato e então o português é ensinado como segunda língua. A língua de sinais, os movimentos das mãos correspondem a uma palavra, ideia ou às vezes a uma frase, esses movimentos não correspondem fielmente a estrutura que a língua portuguesa possui.

A perda auditiva faz com que o indivíduo tenha maior acesso ao canal visual, tornando a língua de sinais biologicamente natural para ele. Ao ter acesso ao bilinguismo (língua de sinais e língua portuguesa) o surdo tem ao seu alcance um leque mais amplo de recursos linguísticos, que atendam melhor suas necessidades, favorecendo seu acesso a qualquer tipo de conceito e conhecimento existente na sociedade. (ROSSI, 2011).

O uso de um interprete da Língua Brasileira de Sinais é importante para que pessoas surdas que são fluentes na língua compreendam a parte narrada do vídeo através de uma janela de Libras. Para tratar esse tema, utilizei neste trabalho o artigo “Acessibilidade sem esforço para surdos: Janela de LIBRAS ou legenda? Uma análise dos instrumentos de acessibilidade para surdos usados no filme “o grão”.” de Maria Izaete Inácio Vieira.

Segundo Vieira (2012), no Brasil, somente em 2002, a Libras foi oficializada como língua das comunidades surdas brasileiras e foi regulamentada em 2005, que dispôs seu uso e difusão em instituições públicas e privadas, na formação de professores e interpretes de Libras, mas não fez menção ao lazer, cultura e informação. Apesar de tais aspectos terem sido contemplados por lei em 2000, os eventos culturais e entretenimento veiculados nos meios de comunicação audiovisuais, não alcançam os surdos.

A autora então discute o uso da janela de Libras como uma ferramenta de difusão de produções audiovisuais, através de estudo de caso, e chegou a um resultado de que a janela como sendo o meio de acessibilidade linguística mais adequada do que a legendagem.

3 SETORES INTERNOS DO MAFRO

Este projeto visa tornar acessível informações de como funcionam as atividades técnicas relacionadas aos setores internos de um museu, neste caso, o Museu Afro-Brasileiro da UFBA. Com efeito, é necessária uma breve descrição desses setores.

3.1 CONSERVAÇÃO

Atualmente há grande conscientização em relação à preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural, reconhecendo e valorizando os acervos mantidos nos museus e instituições afins. Dessa forma, o museu é responsável pela preservação de suas coleções, pressupondo a guarda, a segurança e a disponibilização para pesquisa e apreciação estética por meio de exposições e em condições adequadas. Ações estas, que possibilitam à instituição museológica democratizar seu acervo, tornando-o socialmente protegido e amplamente usufruído. (TEIXEIRA; GHIZONI, 2012, p. 12).

O setor de conservação do MAFRO está localizado na antessala da Reserva Técnica (RT), onde divide seu espaço com o setor de documentação. Neste ambiente, existem duas mesas para execução dos processos e um armário para produtos e ferramentas. É possível realizar medidas de prevenção e ações de higienização neste local.

A Reserva Técnica do museu é constituída de mobiliário de armazenamento, com caixas desenvolvidas especificamente para o acervo, ventiladores, escada própria para acesso as partes mais altas e mesa para peças em processo de conservação. Segundo o site do MAFRO:

Com o propósito de cuidar bem do seu acervo, o Mafro desenvolveu um projeto de Implantação de Reserva Técnica e Tratamento do Acervo Armazenado - com apoio do BNDES, sob a coordenação técnica dos professores Marcelo Cunha, coordenador do Museu e da Professora da Faculdade de Arquitetura, Griselda Pinheiro Kluppel. De acordo com a proposta, o espaço da Reserva Técnica foi ampliado e capacitado com as condições ambientais e mobiliárias adequadas, para armazenar o acervo dentro dos critérios e procedimentos técnicos corretos, atendendo assim às normas e recomendações que garantem a sua conservação preventiva. (Site do MAFRO).

A gestão do museu sempre buscou realizar projetos de extensão e pesquisa no setor. Entre tais projetos, no período de 2013-2018, foi realizado o projeto “A conservação preventiva aplicada ao Museu Afro-Brasileiro/UFBA”, segundo a prof^a. Graça Teixeira (Gestora do museu de 2011 a 2018), o projeto:

[...] tem como objetivo dar continuidade a aplicação de diagnóstico de conservação nas peças ainda não diagnosticadas, leitura dos dados adquiridos no diagnóstico já realizado, tabulação dos dados de aferição de umidade e temperatura para entender o comportamento térmico do edifício e os intervenientes do seu entorno, verificando o comportamento dos agentes de degradação que interferem na estabilidade do acervo. Este projeto teve início em 2012, ao longo deste período pudemos resolver alguns problemas pontuais como a colocação de dois gradis para ampliar a aeração de duas salas expositivas impedindo a proliferação de microrganismos em algumas peças

detectados em 2013, acarretada principalmente pelo alto índice de Umidade Relativa (UR) e temperatura. (TEIXEIRA, 2019).

3.2 DOCUMENTAÇÃO

É compromisso dos museus pensar a salvaguarda do seu acervo de modo a fazer com que a tríade pesquisa, comunicação e preservação seja realizada. Muitas são as ações que o profissional de museu desenvolve no que tange à gestão e ao controle do acervo: interpretar, organizar, documentar, recuperar e disponibilizar são etapas fundamentais para o tratamento da informação dos objetos museológicos e das práticas administrativas. Ao pensar no objeto museológico, deve-se levar em conta a informação que ele carrega consigo antes e depois de ser adquirido pelo museu. Além disso, é preciso considerar que todas as práticas desenvolvidas na instituição necessitam ser registradas para que a circulação da informação e a segurança do acervo sejam concretizadas. (PADILHA, 2014, p. 10).

Este setor fundamental para o MAFRO está situado na mesma área em que está situado o Setor de Conservação e possui duas mesas de escritório com computadores equipados para o desenvolvimento das atividades documentais, possui também uma mesa para realização de fotografias do acervo, composta por sistema de iluminação e fundo infinito, que é uma técnica utilizada para dar a máxima atenção possível do observador ao objeto de assunto, deixando o segundo plano um pouco menos nítido e três armários para as pastas com fichas catalográficas do acervo e outros documentos referentes as peças.

As últimas gestões do museu desenvolveram em conjunto com diversos pesquisadores e professores, alguns projetos que serão citados na tabela abaixo, projetos estes que buscaram sempre ter em contrapartida benefícios para o próprio museu e o para o público em geral.

PROJETO	ANO	AUTOR/ES
Projeto “Coleção de Capoeira do Museu Afro-Brasileiro da UFBA”	2002	Joseania Miranda Freitas
Dissertação de Mestrado “O Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia e sua coleção de cultura material religiosa afro-brasileira” do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos/UFBA	2003-2010	Juipurema A. Sarraf Sandes; Marcelo Cunha
Projeto “A documentação da indumentária dos blocos afros e afoxés da Bahia: Acervo do museu afro-	2011-2012	Telma Ferreira Carvalho

brasileiro da Universidade Federal da Bahia”		
Dissertação de Mestrado “O Som do Silêncio: Ecos e Rastros Documentais de Vinte e Seis Esculturas Afro da Coleção Estácio de Lima” do PPGMUSEU/UFBA	2013-2015	Dora Galas; Marcelo Cunha
Projeto “Sistematização e Documentação do Acervo do Museu Afro-Brasileiro da UFBA”, contemplado pelo Edital MINC/UFPE 2013	2014-2015	Graça Teixeira; Andrea de Britto
Livro “Uma Coleção Biográfica dos Mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro/UFBA”	2015	Joseania Miranda Freitas
Projeto “O Estudo das Doze Cópias de Arte Centro Africana do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia” do Programa de Pós-Graduação em História/PUC-SP	2016-2017	Joseania Miranda Freitas
Projeto “Estudo do acervo do Museu Afro Brasileiro da UFBA para a Requalificação da Exposição de Longa Duração”	2016-2017	Graça Teixeira
Estudo curatorial relativo à coleção Estácio de Lima	2010-Atual	Marcelo Cunha

3.3 EDUCATIVO

Na contemporaneidade, um dos papéis do museu é estar a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. Assim, a função social, atribuída ao museu, potencializa-o como um espaço de comunicação que, por sua vez, dinamiza suas ações educativas, que devem ser pensadas para envolver os diferentes públicos. Pensar e executar ações educativas são, com efeito, tarefas do educador de museu, que precisa estar inteirado e afinado com os conceitos que permeiam esse espaço, como também com as diretrizes estabelecidas pela “Política Nacional de Museus”, a fim de que os

museus sejam realmente espaços nos quais os cidadãos brasileiros sintam-se estimulados a frequentar e se apropriar de tudo o que eles possam oferecer. (BARBOSA, 2013).

O setor que desenvolve as atividades educativas do museu, trabalha de forma orgânica e é composto pelos museólogos e equipe do MAFRO, geralmente há reuniões para determinações de quais serão os próximos eventos e atividades.

O museu faz atendimento às escolas, através de visitas guiadas por mediadores. Segundo o site do MAFRO, a duração da monitoria é de 40 a 50 minutos, com início às 9h15, 10h30, 14h, 15h, diariamente. Recomenda-se um número em média de 30 alunos por visita para melhor aproveitamento. Para preparação da visita, o MAFRO disponibiliza online material didático para professores e alunos através de cadernos, sobre África e Religiosidade Afro-Brasileira. Neste material encontram-se também atividades para realização após a visita, em casa ou na sala de aula. Para atendimento mediado de grupo não escolar é necessário, também, agendamento com antecedência.

Ao longo da sua existência, foram realizados diversos eventos no museu, voltados para o público em geral. Alguns que aconteceram enquanto estava estagiária no período 2017-2020, foram: Lançamento do livro “Yourùbá – Vocabulário Temático do Candomblé”; Lançamento do livro “Mulheres Negras e Museus de Salvador: Diálogo em Preto e Branco”; Potências e desafios da intelectual negra Luiza Bairros; Leitura do portfólio artístico-fotográfico de Antônio Terra: “TERRA”; IX Curso de Filosofia Africana: Sistema Ifá; Museus: espaços de representação de memórias negras? E Violência em Corpos Negros.

4 UM PROJETO AUDIOVISUAL PARA O MAFRO/UFBA

O vídeo produzido neste projeto, como já dito, tem o objetivo de mostrar o funcionamento do MAFRO/UFBA, para a realização da edição, utilizei o serviço prestado pela empresa Mulher de Bigodes Filmes e Produções e para gravação de voz utilizamos fones de ouvido com microfone acoplados da *Samsung*. Também houve a inserção de legendas em inglês no vídeo, para maior compreensão do público estrangeiro.

Este roteiro do vídeo/narração a seguir foi produzido durante o período de 20/04/2022 à 31/05/2022. Para auxiliar a pré-produção e pós-produção deste projeto, convidei a cineasta Camila Santos Andrade, graduada pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, sócia da Mulher de Bigode Filmes e Produções e uma das fundadoras do Coletivo Gaiolas: coletivo de cineastas feministas do Recôncavo da Bahia.

4.1 DESCRIÇÃO DAS IMAGENS

Introdução	
IN 1	Fachada de Escola de Medicina da Bahia
IN 2	Sala de Exposição: Artes do Crer
IN 3	Sala de Exposição: Artes do Crer
IN 4	Sala de Exposição: MÁFRICAS
IN 5	Sala de Exposição: MÁFRICAS
IN 6	Sala de Exposição: MÁFRICAS
IN 7	Sala de Exposição: Painéis de Carybé
IN 8	EL 99.06: Acervo do museu
IN 9	MAF 0002: Acervo do museu
IN 10	MAF 0058.01: Acervo do museu
IN 11	MAF 0170: Acervo do museu
IN 12	MAF 0212: Acervo do museu
IN 13	MAF 0338: Acervo do museu
IN 14	MAF 0381: Acervo do museu
IN 15	MAF 0629: Acervo do museu
IN 16	Acervo do museu em exposição: Artes do Crer
IN 17	E 021: Acervo do museu
IN 18	MAF 0608.02: Acervo do museu
IN 19	MAF 0608.01: Acervo do museu
IN 20	MAF 0273: Acervo do museu
IN 21	MAF 0309.01: Acervo do museu
IN 22	MAF 0533: Acervo do museu
IN 23	MAF 0651: Acervo do museu
IN 24	MAF 0707: Acervo do museu
IN 25	MAF 0787.01: Acervo do museu
IN 26	EL 062: Acervo do museu
IN 27	EL 066: Acervo do museu
IN 28	Painéis de Carybé
Documentação	
DC 1	Museóloga

DC 2	Equipe catalogando o acervo
DC 3	Equipe catalogando o acervo
DC 4	Equipe catalogando o acervo
DC 5	Equipe catalogando o acervo
DC 6	Equipe catalogando o acervo
DC 7	Equipe catalogando o acervo
DC 8	Equipe montando exposição
DC 9	Equipe catalogando o acervo
DC 10	Equipe catalogando o acervo
DC 11	Fotografando o acervo
DC 12	Reunião da equipe
DC 13	Fotografando o acervo
DC 14	Fotografando o acervo
DC 15	Reunião da equipe
DC 16	Estagiária corrigindo fichas catalográficas
DC 17	Localização do acervo na RT
DC 18	Local de trabalho
DC 19	Fichas catalográficas físicas
DC 20	Pesquisa para nova exposição
DC 21	Estagiária corrigindo fichas catalográficas
DC 22	Equipe catalogando o acervo
DC 23	Aluna pesquisando fichas catalográficas
DC 24	Fotografando o acervo
DC 25	Pesquisa na documentação do museu
DC 26	Pesquisa na documentação do museu
DC 27	Pesquisa na documentação do museu
DC 28	Pesquisa na documentação do museu
DC 29	Pesquisa na documentação do museu
DC 30	Recebendo um novo acervo
DC 31	Museóloga
DC 32	Fichas catalográficas físicas
DC 33	Estagiária corrigindo fichas catalográficas
DC 34	Fotografando o acervo

DC 35	Pesquisa na documentação do museu
DC 36	Local de trabalho
DC 37	Fichas catalográficas físicas
Conservação	
CV 1	Tratamento do acervo
CV 2	Tratamento do acervo
CV 3	Tratamento do acervo
CV 4	Embalando o acervo
CV 5	Tratamento do acervo
CV 6	Tratamento do acervo
CV 7	Transporte do acervo
CV 8	Tratamento do acervo
CV 9	Tratamento do acervo
CV 10	Limpeza da Reserva Técnica
CV 11	Organização da Reserva Técnica
CV 12	Acervo acondicionado na RT
CV 13	Tratamento do acervo
CV 14	Tratamento do acervo
CV 15	Tratamento do acervo
CV 16	Processo de restauração em peça
CV 17	Tratamento do acervo
CV 18	Tratamento do acervo
CV 19	Reserva Técnica
CV 20	Tratamento do acervo
CV 21	Tratamento do acervo
CV 22	Tratamento do acervo
CV 23	Tratamento do acervo
CV 24	Tratamento do acervo
CV 25	Tratamento do acervo
CV 26	Tratamento do acervo
CV 27	Tratamento do acervo
CV 28	Embalagem do acervo
CV 29	Tratamento do acervo

CV 30	Tratamento do acervo
CV 31	Tratamento do acervo
CV 32	Diagnóstico do acervo
CV 33	Tratamento do acervo
CV 34	Equipe da Reserva Técnica
CV 35	Tratamento do acervo
Educativo	
ED 1	Visitação de estudantes
ED 2	Visitação de cegos
ED 3	Visitação de estudantes
ED 4	Visitação de estudantes
ED 5	Visitação de grupo
ED 6	Visitação de estudantes
ED 7	Visitação de cegos
ED 8	Visitação de cegos
ED 9	Atividade educativa no museu
ED 10	Visitação de grupo
ED 11	Visitação de estudantes
ED 12	Evento no museu
ED 13	Evento no museu
ED 14	Evento no museu
ED 15	Evento no museu
ED 16	Visitação de grupo
ED 17	Montagem de exposição
ED 18	Montagem de exposição
ED 19	Montagem de exposição
ED 20	Montagem de exposição
ED 21	Montagem de exposição
ED 22	Montagem de exposição
ED 23	Visitação de grupo
ED 24	Montagem de exposição
ED 25	Montagem de exposição
ED 26	Visitação de grupo

ED 27	Montagem de exposição
ED 28	Abertura de exposição
ED 29	Abertura de exposição
ED 30	Visitação de grupo
ED 31	Visitação de grupo
Conclusão	
CS 1	Treinamento dos estagiários
CS 2	Coordenador do museu com grupo
CS 3	Treinamento da equipe
CS 4	Equipe reunida
CS 5	Equipe reunida
CS 6	Equipe reunida
CS 7	Equipe reunida
CS 8	Equipe reunida
CS 9	Equipe reunida em abertura de exposição
CS 10	Equipe reunida
CS 11	Equipe reunida
CS 12	Abertura de exposição

4.2 ROTEIRO

Título: Expondo os processos internos dos setores técnicos do MAFRO/UFBA

Tempo: 00:08:35 | **Data:** 06/2022 | **Roteirista:** Natália Otero Martinez | **Versão:** 1

Revisado por: Camila Camila | **Aprovado por:** Camila Camila e Marcelo Cunha

Parte	Tema da cena	Indicação de fala	Lettering	Descrição das imagens
1	Introdução	<i>Off</i> <i>Música</i> <i>em BG</i>	Em fundo branco, aparecem os logos: UFBA/Dep. De Museologia/FFCH/MAFRO e o texto: Apresentam Em <i>fade in</i> o texto sobrepondo a primeira imagem: Expondo os	IN 1, IN 2, IN 3, IN 4, IN 5, IN 6, IN 7, IN 8, IN 9, IN 10, IN 11, IN 12,

			<p>processos internos dos setores técnicos do MAFRO/UFBA por Natália Otero aparece no meio da tela</p>	<p>IN 13, IN 14, IN 15, IN 16, IN 17, IN 18, IN 19, IN 20, IN 21, IN 22, IN 23, IN 24, IN 25, IN 26, IN 27, IN 28</p>
2	Documentação	<p><i>Off</i> <i>Música em BG</i></p>	<p>Em <i>fade in</i> o texto: Documentação aparece no canto inferior esquerdo da tela</p>	<p>DC 1, DC 2, DC 3, DC 4, DC 5, DC 6, DC 7, DC 8, DC 9, DC 10, DC 11, DC 12, DC 13, DC 14, DC 15, DC 16, DC 17, DC 18, DC 19, DC 20, DC 21, DC 22, DC 23, DC 24, DC 25, DC 26, DC 27, DC 28, DC 29, DC 30, DC 31, DC 32, DC 33, DC 34, DC 35, DC 36, DC 37</p>
3	Conservação	<p><i>Off</i> <i>Música em BG</i></p>	<p>Em <i>fade in</i> o texto: Conservação aparece no canto inferior esquerdo da tela</p>	<p>CV 1, CV 2, CV 3, CV 4, CV 5, CV 6, CV 7, CV 8, CV 9, CV 10, CV 11, CV 12,</p>

				CV 13, CV 14, CV 15, CV 16, CV 17, CV 18, CV 19, CV 20, CV 21, CV 22, CV 23, CV 24, CV 25, CV 26, CV 27, CV 28, CV 29, CV 30, CV 31, CV 32, CV 33, CV 34, CV 35
4	Educativo	<i>Off</i> <i>Música</i> <i>em BG</i>	Em <i>fade in</i> o texto: Educativo aparece no canto inferior esquerdo da tela no minuto 06:10	ED 1, ED 2, ED 3, ED 4, ED 5, ED 6, ED 7, ED 8, ED 9, ED 10, ED 11, ED 12, ED 13, ED 14, ED 15, ED 16, ED 17, ED 18, ED 19, ED 20, ED 21, ED 22, ED 23, ED 24, ED 25, ED 26, ED 27, ED 28, ED 29, ED 30, ED 31
5	Conclusão	<i>Off</i> <i>Música</i> <i>em BG</i>	Após as fotos, o os textos aparecem em fundo branco: Vídeo produzido como resultado do Trabalho de Conclusão de Curso do Departamento de Museologia da Faculdade de Filosofia e Ciências	CS 1, CS 2, CS 3, CS 4, CS 5, CS 6, CS 7, CS 8, CS 9, CS 10, CS 11, CS 12

			<p>Humanas/Universidade Federal da Bahia/ Idealizadora: Natália Otero Martinez/ Professor Orientador: Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha/ Museólogas do MAFRO: Amélia Costa, Ilma Vilasbôas, Morgana Dávila/ Tradução em Libras: Por Sinal Libras/ Finalização: Mulher de Bigode Filmes e Produções</p> <p>E os logos: UFBA/Dep. De Museologia/FFCH/MAFRO</p> <p>Depois o texto: Salvador, Bahia, 2022</p>	
--	--	--	---	--

4.3 GLOSSÁRIO DE TERMOS

Locução em off ou off – Texto narrado por um locutor que não aparece no vídeo.

BG – Música, voz ou efeito sonoro inserido em volume mais baixo do que a fala principal. Abreviação de background, “fundo” em inglês.

Lettering – Animação em texto na tela para destacar alguma informação ou nome.

Zoom – termo para indicar que a câmera está filmando o objeto ou pessoa mais de perto.

Fade In/Out – Efeito de aparecimento gradual ou desaparecimento gradual

4.4 NARRAÇÃO EM PORTUGUÊS

Parte 1:

Olá, visitante! Vamos juntos aprender como o Museu Afro-Brasileiro funciona?! Espero que esse mergulho na dinâmica do funcionamento do museu, possa te tornar ainda mais íntimo desse espaço! Antes de começarmos, gostaria de te apresentar o MAFRO! O Museu existe como um espaço de coleta, preservação e divulgação de acervos referentes às culturas africanas e afro-brasileiras, estreitando as relações com a África e compreendendo a importância deste continente na formação da cultura brasileira!

Aqui no Museu, nós realizamos diversas atividades que talvez você nem imagine que aconteça! Temos uma equipe formada por museólogos, restaurador, técnicos administrativos, auxiliar de serviços gerais, segurança e os estagiários. E essa equipe está sempre disposta a

tornar este espaço melhor pra você! Principalmente pensando qual é a melhor forma de expor nosso acervo para você refletir, admirar ou questionar o que está vendo. Mas não é só isso, temos também que pesquisar muito para poder te contar a história de cada objeto, pra poder escrever cada texto e etiqueta que está na exposição e não podemos esquecer da higienização. Mas vou te contar mais sobre essas coisas agora, espera aí!

Parte 2:

(O texto teve como base o livro da Renata Cardozo Padilha: Documentação Museológica e Gestão de Acervo, presente na Coleção Estudos Museológicos, vol. 2 de 2014)

Você sabe o que é Documentação de Acervos? Não sabe?! Certo, vou te explicar: Ao pensar no objeto que está no museu, a gente deve levar em consideração a informação que essa peça carrega, antes e depois de chegar aqui no museu.

Então, esse setor é responsável por interpretar, organizar, documentar, recuperar, expor e disponibilizar essas informações. Aqui no museu, caso a gente adquira um novo objeto para nosso acervo, o primeiro passo é investigar se ela tem identificação com a missão do museu, caso tenha, esse objeto recebe um valor documental e se torna parte do nosso acervo! São muitos os motivos que levam os museus a salvaguardarem os objetos em seu acervo: por ser raro, pela sua fabricação, pelo valor científico e cultural, pela preciosidade do material ou pela sua antiguidade. No entanto, é notório que qualquer uma dessas causas está vinculada às possibilidades de informação que os objetos carregam consigo.

No momento da aquisição do objeto, é necessário levantar e registrar as seguintes informações: data, local, tipo e fonte de aquisição, além de observações e identificação de quem o registrou. A peça recebe um número de registro e marcação e então, entra para o inventário e é feita a ficha de catalogação.

O setor também realiza a documentação administrativa, onde registra tudo o que envolve o processo oficial da instituição. É uma documentação de apoio, que dá credibilidade para as ações da instituição, bem como institui recomendações para boas práticas e desenvolvimentos na gestão de acervo.

Parte 3:

(O texto teve como base o livro da Lia Canola Teixeira e Vanilde Rohling Ghizoni: Conservação Preventiva de Acervos, presente na Coleção Estudos Museológicos, vol. 1 de 2012)

Vamos falar agora de Conservação de Acervos! Nesse setor, o museu é responsável pela preservação de suas coleções! Faz parte da rotina do museu, manter as condições adequadas,

tanto nas peças que ficam na Reserva Técnica, como nas que estão expostas. Com essas medidas tomadas, os fatores de degradação desse acervo são estabilizados, e então a função principal do setor vai ser a manutenção disso, com procedimentos preventivos de conservação, que são: higienização, controle de pragas, embalagens, manuseio correto, entre outros.

Mas você sabe o que pode degradar uma peça de museu?! Existem muitos fatores que podem fazer isso! Por exemplo, a temperatura, umidade, luz natural ou artificial são os fatores físicos de deterioração. A poeira e a poluição são os fatores químicos. Micro-organismos, insetos, roedores e outros animais podem destruir uma peça, e esses são os fatores biológicos! Mas sabe o que pode degradar esse acervo também?! Nós mesmos! Sim, o manuseio, armazenamento e exposição inadequadas podem fazer isso, além de intervenções incorretas, vandalismo e roubo! Ah, o último fator e não menos importante, são as catástrofes naturais! Esperamos que não aconteça, mas inundações, terremotos, furacões, incêndios e guerras podem destruir tudo isso que nós estamos guardando com tanto esmero!

Parte 4:

(O texto teve como base o artigo de Maria Helena Rosa Barbosa: Ações Educativas em Museus de Arte: Entre Políticas e Práticas, de 2012)

Na contemporaneidade, um dos papéis do museu é estar a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. Assim, a função social, atribuída ao museu, potencializa-o como um espaço de comunicação que, por sua vez, dinamiza suas ações educativas, que devem ser pensadas para envolver os diferentes públicos.

Aqui no museu, temos também esse setor que desenvolve atividades educativas para o público e é composto pelos museólogos e equipe do MAFRO, geralmente há reuniões para determinações de quais serão os próximos eventos, exposições e atividades! Esse grupo está sempre disposto a trazer e criar novas exposições de curta duração para o museu, com temas e artistas contemporâneos, o processo é de muita pesquisa, reuniões, montagem e desmontagem da sala. Além disso, é o setor que lida diretamente com as mediações guiadas e atendimento às turmas escolares, que é agendado previamente e a duração da mediação é de 40 a 50 minutos. Para preparação da visita, o MAFRO disponibiliza online material didático para professores e alunos sobre África e Religiosidade Afro-Brasileira. Neste material encontram-se também atividades para realização após a visita, em casa ou na sala de aula.

Parte 5:

E aí, gostou de saber sobre essas coisas?! Acreditamos que seja muito importante para nós que você entenda como nosso museu funciona! Esperamos que você fale com sua família, amigos e colegas sobre o que você viu aqui e faça com que eles também tenham vontade de conhecer um lugar tão importante para o Brasil, nossa maior intenção é poder apresentar uma nova versão sobre o que é e foi a África e sua importância para a construção do país.

4.5 NARRAÇÃO EM INGLÊS (LEGENDAS)

Parte 1:

Hello visitor! Let's learn together how the Afro-Brazilian Museum works?! I hope that this dive into the dynamics of the museum's operation can make you even more intimate with this space! Before we start, I'd like to introduce you to MAFRO! The Museum exists as a space for the collection, preservation and dissemination of collections referring to African and Afro-Brazilian cultures, strengthening relations with Africa and understanding the importance of this continent in the formation of Brazilian culture!

Here at the Museum, we carry out several activities that you may not even imagine happening! We have a team formed by museologists, restorer, administrative technicians, general services assistant, security and interns. And this team is always willing to make this space better for you! Mainly thinking about the best way to expose our collection for you to reflect, admire or question what you are seeing. But that's not all, we also have to research a lot to be able to tell you the story of each object, to be able to write each text and label that is in the exhibition and we can't forget about hygiene. But I'll tell you more about these things now, hold on!

Parte 2:

Do you know what Collection Documentation is? Do not know?! Okay, I'll explain: When thinking about the object that is in the museum, we must take into account the information that this piece carries, before and after arriving here at the museum.

So, this sector is responsible for interpreting, organizing, documenting, retrieving, exposing and making this information available. Here at the museum, if we acquire a new object for our collection, the first step is to investigate whether it has identification with the museum's mission, if so, this object receives a documentary value and becomes part of our collection! There are many reasons that lead museums to safeguard the objects in their collection: for being rare, for their manufacture, for their scientific and cultural value, for the preciousness of

the material or for its antiquity. However, it is clear that any of these causes is linked to the possibilities of information that objects carry with them.

At the time of acquiring the object, it is necessary to collect and record the following information: date, place, type and source of acquisition, in addition to observations and identification of the person who registered it. The part receives a registration and marking number and then enters the inventory and the cataloging form is made.

The sector also performs administrative documentation, where it records everything that involves the institution's official process. It is a supporting documentation, which gives credibility to the institution's actions, as well as instituting recommendations for good practices and developments in collections management.

Parte 3:

Now let's talk about Conservation! In this sector, the museum is responsible for the preservation of its collections! It is part of the museum's routine to maintain the appropriate conditions, both in the pieces that are in the Technical Reserve and in those that are on display. With these measures taken, the degradation factors of this collection are stabilized, and then the main function of the sector will be to maintain it, with preventive conservation procedures, which are: hygiene, pest control, packaging, correct handling, among others.

But do you know what can degrade a museum piece?! There are many factors that can do this! For example, temperature, humidity, natural or artificial light are the physical factors of deterioration. Dust and pollution are the chemical factors. Micro-organisms, insects, rodents and other animals can destroy a piece, and those are the biological factors! But you know what can degrade this collection too?! Ourselves! Yes, improper handling, storage and display can do that, plus mishandling, vandalism and theft! Oh, the last and not least factor is natural disasters! We hope it doesn't, but floods, earthquakes, hurricanes, fires and wars can destroy everything we've been so carefully guarding!

Parte 4:

In contemporary times, one of the museum's roles is to be at the service of society and its development. Thus, the social function, attributed to the museum, enhances it as a space of communication that, in turn, dynamizes its educational actions, which must be designed to involve different audiences.

Here at the museum, which develops educational activities for museologists and this MAFRO team, we usually have compositions for determinations of future events, sector and activities! This group is always willing to bring and create new long-term exhibitions for the museum, with contemporary themes and artists, the process is a lot of research, meetings, assembly and disassembly of the room. In addition, it is the sector that deals directly with guided mediations and school classes, which is scheduled and the duration of the mediation is 40 to 50 minutes. To prepare for the visit, MAFRO provides online teaching material for teachers and students about Africa and Afro-Brazilian Religiosity. This material also includes activities to be carried out after the visit, at home or in the classroom.

Parte 5:

So, did you like to know about these things?! We believe it is very important for us that you understand how our museum works! We hope you talk to your family, friends and colleagues about what you saw here and make them want to know such an important place for Brazil, our biggest intention is to be able to present a new version of what it is and was Africa and its importance for the construction of the country.

5 RELATÓRIO

5.1 SELEÇÃO E CURADORIA DAS FOTOGRAFIAS

No dia 30/05/2022, fui ao Museu Afro-Brasileiro para um encontro com a equipe e sob a coordenação do meu orientador prof. Marcelo Cunha. Nesse encontro pude buscar nos arquivos digitais do museu, fotografias que são condizentes com o que busco apresentar no vídeo. Busquei também fotos no meu arquivo pessoal e nos arquivos de colegas que estiveram comigo no período em que fui estagiária do museu. E para finalizar essa seleção de fotografias, acessei as redes sociais do museu para complementar esse acervo.

No dia 31/05/2022, iniciei a curadoria dessas fotografias, que totalizando todo o acervo reunido, foi contabilizado um total de 8.834 fotos. O primeiro passo foi reunir estes arquivos em pastas por temas: Introdução; Conservação; Documentação; Educativo e Conclusão. Após esse processo, iniciei a curadoria dessas fotos e busquei atingir o número máximo de fotografias com condizem com o tempo que a narração de cada tema propôs.

No dia 01/06/2022, finalizei o processo de separação e curadoria dessas fotos.

No dia 02/06/2022, comecei o processo de edição das fotos, onde busquei principalmente unificar a aparência e tamanho de todas, então criei um protocolo de edição no aplicativo *Polarr Photo Editor*. Formato da foto: 4:3.

No dia 03/06/2022, finalizei a edição das fotos, organizei as pastas e renomeei os arquivos.

5.2 NARRANDO O VÍDEO

No dia 07/06/2022, iniciei o processo de gravação da narração, para isso convidei Fábria Moreno para dar voz ao projeto, começamos a gravar em uma sala silenciosa, abafada e com o mínimo de ruídos possível, usei um microfone comum conectado ao celular.

No dia 08/06/2022, finalizamos a gravação da narração. O arquivo final em MP4 foi melhorado pela equipe da Mulher de Bigodes e adicionado no vídeo, juntamente com o material que enviei traduzido para inserção das legendas.

5.3 EDITANDO O VÍDEO

Como dito anteriormente, a equipe da Mulher de Bigodes iniciou realizou a edição do vídeo, seguindo o roteiro que escrevi, no dia 10/06/2022 e finalizou no dia 17/06/2022.

5.4 TORNANDO O VÍDEO ACESSÍVEL

Para fazer a janela em LIBRAS, contratei a empresa POR SINAL - Libras. O material foi entregue para eles no dia 09/06/2022 e o arquivo que eles me enviaram, mandei para edição no dia 14/06/2022.

5.5 EXPONDO O VÍDEO

Com tudo pronto, enviei o arquivo para a equipe do Museu Afro-Brasileiro/UFBA juntamente com um fone de ouvido com fio, para que eles possam expor na televisão que se encontra na primeira sala do museu, assim que houver a reabertura.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta central desse trabalho foi oportunizar um instrumento que aproxime, conecte e familiarize o público em geral com o museu e a museologia, construindo uma intimidade entre visitante e museu, descortinando sua dinâmica, lógica, funcionamento, processos e relevância para a salvaguarda da memória. Numa percepção lúdica seria como se o vídeo fizesse com que o visitante experienciasse a sensação de uma criança que desmonta um brinquedo para compreender sua lógica. Nesse sentido, o propósito motor foi criar uma relação de intimidade, familiaridade e aproximação afetiva com o lócus (o museu), com os conceitos da museologia, com os profissionais envolvidos na sua dinâmica, funcionamento e manutenção, ou seja, o fazer museológico em toda sua essência e integralidade.

O sentido foi oferecer ao público, para além de uma visita focada apenas na narrativa dos objetos e espaço do MAFRO, uma experiência que permita ir além da superfície do visível, uma possibilidade de mergulhar na profundidade do significado do museu para uma sociedade, como instrumento de educação, preservação, sociabilização, conscientização crítica e política, a partir do contato e conhecimento dos objetos que traduzem a história, a cultura, as lutas e a resistência de um povo.

A inclusão de uma tradução em Libras apresenta-se como uma estratégia de ampliação do público, permitindo acessibilidade para as pessoas surdas ao conteúdo apresentado no vídeo. Existe uma grande lacuna em relação ao acesso de pessoas com deficiências aos equipamentos culturais.

Na perspectiva educacional, de ampliação das potencialidades pedagógicas dos museus, trabalhamos no sentido de estreitarmos cada vez mais os laços entre escola e museu e que o MAFRO se torne um espaço permanente para que estudantes, crianças e jovens particularmente negros, possam entrar em contato com a cultura e história afro-diaspóricas, num processo crítico e político de apropriação, representatividade, reconhecimento, identificação e empoderamento que possibilite a construção do debate e da consciência daquilo que é silenciado, mascarado e deformado pela historiografia oficial, pela educação tradicional e pela cultura nacional dominante sobre a história e cultura negra.

A relação entre instituições das escolas e dos museus pode ser potencializada se pudermos oferecer ferramentas que propiciem o aproveitamento máximo do potencial pedagógico dos museus, especificamente dos museus que salvaguardam a cultura africana e

afro-brasileira, como o MAFRO. Desta forma, criando entre estudantes e museu uma relação afetiva.

Nesse sentido, que o público possa reconhecer que os processos internos de um museu como: adquirir, conservar, investigar, comunicar e expor são também atos políticos que envolvem pessoas conscientes e dedicadas (equipe) que trabalham mesmo diante das adversidades impostas por um sistema e um governo que buscam inviabilizar o bom funcionamento de espaços culturais que retratam a história, as lutas e as resistências de um povo contra a exclusão social, o racismo e a intolerância religiosa, trabalhando arduamente para fazer com que o museu cumpra sua função de ser um espaço de saber, mas também um espaço de poder, para a construção social da memória não-oficial do passado e do presente do povo negro.

Minha pretensão inicial seria fazer registros do dia a dia do museu como mais recursos audiovisuais, como filmagens. Contudo, no desenvolvimento desse trabalho, infelizmente coincidiu com o advento da pandemia do Covid-19 e todas as restrições sanitárias impostas nesse contexto. Devido a esse fato o museu foi obrigado a se manter fechado durante todo esse período dificultando e restringindo uma coleta mais rica e ampla de elementos para a construção do vídeo.

Com efeito, espero que esse trabalho inspire outros museus a construir mais ferramentas de divulgação de seu propósito e processos, ampliando os recursos de acessibilidade para outros tipos de deficiências e que o MAFRO possa também aprimorar esse material enriquecendo-o e mobilizando novos recursos tecnológicos para estreitar ainda mais a conexão entre museu e público.

Referências

ABNT – Associação Brasileira de Normas técnicas. **NBR 9050 – Acessibilidade de pessoas Portadoras de Deficiência a Edificações, Espaços, mobiliário e Equipamentos Urbanos**. Rio de Janeiro, 2004.

AIDAR, Gabriela. ACESSIBILIDADE EM MUSEUS: IDEIAS E PRÁTICAS EM CONSTRUÇÃO. **Revista Docência e Cibercultura**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 155-175, set. 2019. ISSN 2594-9004. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/redoc/article/view/39810>>. Acesso em: 05 abr. 2022. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2019.39810>.

BARBOSA, M. H. R. Ações Educativas em Museus de Arte: Entre Políticas e Práticas. **Palíndromo**, Florianópolis, v. 4, n. 7, 2013. DOI: 10.5965/2175234604072012110

BRASIL. **DECRETO Nº 5.296 DE 2 DE DEZEMBRO DE 2004**, que regulamenta as Leis nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. 2004.

CHAGAS, Mário; STORINO, Cláudia. O desafio da acessibilidade aos museus (Prefácio). In: COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane Rose; BRASILEIRO, Alice. **Acessibilidade a museus**. Brasília: MinC/IBRAM, 2012. (Cadernos Museológicos, v. 2).

FERREIRA, Eurico. **Uso dos audiovisuais como recurso didático**. 2010. 75 p. Dissertação (Mestrado em Ensino de História e Geografia) – Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2010.

JESUS, Daniela Moreira de. **Museu e educação: uma experiência no Museu Afro-brasileiro da Universidade Federal da Bahia**. 2016. 154 f. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Programa de Pós-Graduação em Museologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

MARTINS, Cesar E. M. A.; BARACHO, R. M. A.; BARBOSA, C. R. **OS MUSEUS NA ERA DA INFORMAÇÃO: análise do uso de recursos tecnológicos**. 2016. (Apresentação de Trabalho/Comunicação)

Museu Afro-Brasileiro. Disponível em: <http://www.mafro.ceao.ufba.br/pt-br>. Acesso em: 28 mar. 2022.

PADILHA, R. C. **Documentação museológica e gestão de acervo**. Florianópolis: FCC, 2014a. 71 p. (Coleção Estudos Museológicos; v. 2.).

PRETTO, Nelson de Luca. **Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia**. 8. ed. rev. e atual. Salvador/BA: EDUFBA, 2013. 286 p.

RESENDE, Úrsula Vieira de; LIMA, Diana Farjalla Correia. **AUDIOVISUAL DIGITAL EM MUSEUS: a exposição do Museu do Amanhã**. In: XX ENANCIB, 2019, Florianópolis. **GT-9 - Museus, Patrimônio e Informação**. p. 1-22.

ROSSI, R. A. A Libras como disciplina no ensino superior. **Revista de Educação**, Valinhos: Anhanguera Educacional, v. 13, n. 15, p. 71-85, out. 2010.

SEEMANN, P. A. A. A produção de roteiros de áudio-descrição de vídeos feita por iniciantes: dificuldades comuns e sugestões para evitá-las. **Revista Educação Especial**, [S. l.], v. 32, p. e105/ 1–22, 2019. DOI: 10.5902/1984686X35720. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/35720>. Acesso em: 5 abr. 2022.

SOARES, Ednaldo. **MUSEUS: A GESTÃO DAS INSTITUIÇÕES MUSEOLÓGICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**. 2021. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Museologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

TEIXEIRA, Lia Canola; GHIZONI, Vanilde Rohling. Conservação preventiva de acervos. **Coleção Estudos Museológicos**, v. 1. Florianópolis: FCC, 2012.

TEIXEIRA, M. **Desafios na preservação do patrimônio afro-brasileiro no MAFRO/UFBA**. Cadernos de Sociomuseologia, v. 58, n. 14, p. 19-38, 18 Out. 2019.

VIEIRA, M. I. I. Acessibilidade sem esforço para Surdos: janela de libras ou legenda? Uma análise dos instrumentos de acessibilidade para surdos usados no filme “o grão”. In: **Anais III Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa**. 2012. Disponível em: http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_metodologias_traducao_vieira.pdf. Acesso em: 05 abr. 2022.